

2

Contexto histórico e importância de Jackson Turner para a historiografia americana

2.1

O ensaio *The Significance of Frontier in American History* e a historiografia americana anterior a Turner: continuidades e rupturas

No ano de 1893, num congresso da *American Historical Association* na cidade de Chicago, um jovem historiador do estado de Wisconsin, no centro-oeste americano, apresentou o ensaio *The Significance of the Frontier in American History*. No ensaio o então desconhecido Jackson Turner propôs o seguinte:

*Up to our own day American history has been in a large degree the history of the colonization of the Great West. The existence of an area of free land, its continuous recession, and the advance of American settlement westward, explain American development [...]. The peculiarity of American institutions is the fact that they have been compelled to adapt themselves to the changes of an expanding people [...] in winning a wilderness [...]. The true point of view in the history of this nation is not the Atlantic coast, it is the Great West.*³

Com essas sucintas palavras, Turner visava iniciar uma revolução entre os seus colegas historiadores. Ao enfatizar o “Great West” – a conquista da terra aberta em direção ao oeste - como o fator determinante no desenvolvimento da Nação americana, Turner estava já abrindo uma nova perspectiva para a historiografia dos Estados Unidos. O jovem historiador estava falando para uma audiência influenciada pelas três principais escolas da historiografia americana do século XIX: a romântica, a teutônica e a sulista pós-guerra civil. Dessas escolas, como será explorado mais adiante, Turner irá buscar elementos tanto de inspiração quanto de ruptura, num processo que irá gerar uma nova maneira de se fazer história num momento de profundas transformações na sociedade americana.

A escola romântica de meados do século tinha como seus principais expoentes historiadores como John Motley, William Prescott, Francis Parkman e George Bancroft, autor do clássico em três volumes, *Bancroft's History of the United States*, de 1834. Alguns dos principais temas dos Românticos eram os

³ TURNER, F. J., "Significance of the Frontier in American History", In: FARAGHER (Org.), *Rereading Frederick Jackson Turner*, p. 31.

grandes feitos políticos e militares que resultaram na conquista do Novo Mundo. Muitos escreviam sobre a América Espanhola e Holandesa, com ênfase nas dinastias européias empreendedoras dos Descobrimentos. Sob esta perspectiva, algumas obras clássicas são *Ferdinand and Isabella*, *Phillip II* e *The Conquest of México* de Prescott e *The Rise of the Dutch Republic* de Motley. Outros historiadores desse grupo se concentravam mais nos acontecimentos da América do Norte, como Francis Parkman. Em *The California and Oregon Trail* (1849) e *Conspiracy of Pontiac* (1851), Parkman faz um relato sobre a colonização francesa e a relação com os índios.

Os historiadores românticos tinham vários elos comuns. Todos pertenciam a uma escola de historiadores amadores influenciada pela idéia de que a boa História deve ser escrita de maneira literária. Vinham das altas camadas da sociedade da Nova Inglaterra (Bancroft, Prescott e Motley haviam nascido em Massachusetts). Muitos haviam estudado na Europa – Inglaterra e Alemanha. Inspiravam-se principalmente no modelo de história da Grécia antiga: a História como *magistra vitae*, narrada de forma épica, de onde se tiram as grandes lições morais e os exemplos de conduta que unirão passado e futuro. O historiador Richard Hofstadter faz eloqüente descrição dos historiadores românticos:

[For these historians], history was still regarded as a literary art whose main aim was to recapture experience. Foremost was the experience of major heroic characters[...]. A social texture was present, but it served mainly as a...background [...] for the decisive confrontations [...] the climactic scenes arising out of the epics of exploration, colonization, imperial conquest, revolution. The moral drama of history was told in pictorial terms [...]. The romantic writers were trying to establish broad moral lessons [...]. What they found [was] progress toward liberty [and] [...] progress [toward] modern democracy, even American democracy [...]. Progressive principles , progressive peoples, natural impulses, heroic leadership — these were the basic ingredients of true history.⁴

É importante ressaltar o legado dos românticos no que diz respeito à proposta de história de Turner. Há uma tendência a enfatizar o aspecto inovador de sua obra em termos de uma ruptura com a historiografia americana do século XIX. Por outro lado, como será visto mais adiante, o novo modo de fazer história desenvolvido por Turner é mais uma mescla de inovação com tradição, uma vez

⁴ HOFSTADTER, R., *The Progressive Historians*, p. 13 et. seq.

que há uma continuidade com a filosofia da história presente nos românticos. Para Turner a história também é *magistra vitae*, devendo ser contada de forma épica, estabelecendo elos entre passado e futuro. Assim como os românticos, o estilo de Turner (apesar de sua proposta de uma História científica) é literário e seus ensaios são realçados por trechos de poemas de Rudyard Kipling e Tennyson, entre outros. Finalmente, Turner também visava o Progresso, a Liberdade e a Democracia.

Observa-se todavia uma ruptura significativa entre Turner e a historiografia tradicional em relação a outra escola historiográfica: a teutônica. As origens da escola teutônica já estão presentes entre os historiadores românticos. Viam o progresso da democracia na América do Norte como desdobramento natural das formas teutônicas de organização política, que eram democráticas em sua origem, ligando a idéia de um “caráter nacional” à qualidade das instituições sociais.⁵

A escola teutônica se baseava na teoria dos “germes”, que explicava a evolução das instituições políticas americanas desde suas “sementes” germânicas. Um dos principais proponentes da escola, contra a qual Turner esteve prestes a se rebelar, foi justamente seu professor na Universidade de Johns Hopkins em Baltimore, Maryland. Tratava-se de Herbert Baxter Adams, de formação alemã e britânica, discípulo do historiador inglês E. A. Freeman, para quem a História era “past politics”.

Adams sintetiza a teoria dos “germes” e a continuidade com as instituições européias na seguinte passagem:

*The science of Biology no longer favors the theory of spontaneous generation [...]. Wherever organic life occurs, there must have been some seed for that life. It is just as improbable that free local institutions should spring up without a germ along American shores as English wheat should have grown here without planting. Town institutions were propagated in New England by old English and Germanic ideas brought over by Pilgrims and Puritans [...]. The origin of the English Constitution, as Montesquieu long ago declared, is found in the forests of Germany.*⁶

A proposta de Turner visa justamente o contrário: a “originalidade” das instituições americanas em decorrência da experiência da fronteira e não a

⁵Ibid. p. 15.

⁶ ADAMS, H. B., *Germanic Origins of New England Towns*, v.1, p. 8 et. seq.

continuidade com as instituições européias. Na sua obra (que será analisada no capítulo seguinte) Turner irá responder diretamente a Adams e seus seguidores: “Our early history is the study of European germs developing in an American environment. Too exclusive attention has been paid by institutional students to the Germanic origins, too little to the American factors...”⁷. Para Turner, a experiência da Fronteira irá gerar um produto genuinamente americano, um resultado que “is not the old Europe, not simply the development of Germanic germs....but a new product that is American.”⁸

Finalmente, a terceira escola de historiografia americana se concentra nos efeitos da Guerra Civil e da Reconstrução. Para historiadores como John Burgess e William Dunning, este foi o período que definiu a História americana, e aqui há outro ponto de ruptura com Turner. Ao se afastar da Costa leste na sua visão historiográfica, Turner irá ignorar a escravidão, o negro e todo legado do sistema latifundiário bem como as rupturas políticas, sociais e econômicas provocadas nos Estados Unidos. Ao se concentrar na expansão para o Oeste, procurando um princípio unificador para a identidade nacional, Turner irá literalmente “recortar” de seu “mapa” historiográfico o Sul e tudo que ele representa (isto será visto em mais detalhe no capítulo seguinte).

Todas essas escolas divergiam entre si, mas tinham importantes pontos comuns. Primeiramente, eram centradas na Costa leste, nas grandes universidades da Nova Inglaterra tais como Yale, Harvard, Columbia e Johns Hopkins. Em segundo lugar, os próprios historiadores vinham desta região, muitos haviam estudado na Europa e pertenciam, na sua maior parte, a uma tradição de historiadores amadores. Em terceiro lugar, eram influenciados pelo modelo rankiano de História, no sentido de buscar uma narrativa de eventos resultantes das ações de lideranças políticas e militares.

O método desses historiadores era considerado científico. Buscavam os fatos em documentação relevante: correspondência, tratados e arquivos oficiais. A visão era de cima, através da observação dos grandes atores políticos e diplomáticos, ou de baixo, analisando-se a evolução das instituições. Ausente das três escolas historiográficas dominantes nos Estados Unidos do século XIX estava a sociedade como um todo, isto é, o povo. Ausentes estavam, também

⁷ TURNER, J., In: FARAGHER (Org), Op. Cit., p.33.

⁸ Ibid., p. 33.

perspectivas econômicas e sociais além das políticas. Havia em demasia a questão da proximidade e continuidade político-institucional com a Europa, principalmente a Europa anglo-saxônica. Em suma, toda a experiência da conquista do interior americano, do “sertão”, havia sido ignorada.

A entrada de Jackson Turner no cenário da historiografia americana resultou no preenchimento dessas lacunas e serviu para inovar e revolucionar as interpretações tradicionais. Ao colocar a experiência da Fronteira no centro de uma teoria de desenvolvimento de sua Nação, o historiador deslocará o eixo historiográfico da política para a natureza e a geografia humana, dando importante salto qualitativo. Transformará o estudo da história num esforço transdisciplinar, incorporando todas as novas ciências sociais que estavam surgindo no final do século XIX. Ao invés de uma história narrativa de fatos políticos, Turner vai propor uma história analítica que explica processos sociais através de padrões e teorias de perfil sintetizadores e universais. Não há cronologia de eventos na sua proposta de história, mas sim um princípio orientador: a expansão para o Oeste e a interação com o *wilderness*, (conceitos que serão analisados mais adiante) explicam o desenvolvimento da Nação americana.

Outro ponto de inovação de Turner sobre a historiografia tradicional dominante em seu tempo está, como já foi mencionado, na ênfase sobre a originalidade, sobre o aspecto único da Nação, do povo e das instituições americanas. Ao invés de buscar a continuidade e a proximidade com a Europa, Turner busca a ruptura. A identidade nacional é forjada em solo nativo, através da interação com o meio ambiente. Povos e instituições podem ser importados da Europa, mas sofrem profundas mudanças em decorrência do seu confronto com a natureza na América, transformando-se em novas formas culturais – em algo inédito, considerado exclusivamente “americano”.

Finalmente, o ponto final da inovação de Turner está na ênfase sobre o homem comum, ao invés das lideranças políticas e militares. O homem comum é justamente aquele indivíduo desbravador do *wilderness*, o homem natural, livre, móvel, dinâmico, empreendedor, rústico. É o *pioneer* que melhor representa a exaltação dessa simplicidade, do espírito aventureiro, da coragem e da autodeterminação que para Turner caracterizariam o “povo americano”.

Ao introduzir essas novas questões na historiografia americana, Turner foi um dos precursores, junto com Carl Becker, entre outros, do que na virada do

século XIX o historiador James Harvey Robinson chamou de *New History*: a história analítica e total, que incorpora todas as disciplinas das ciências sociais – economia, antropologia, geografia, sociologia. Esta é a história do homem comum, do povo, que seria criada por homens comuns, nascidos e formados no centro-oeste americano. Esses novos historiadores foram educados em universidades públicas, fora do eixo da costa leste do Atlântico norte e das universidades antigas e privadas onde foram formados os “eurófilos” brâmanes da historiografia tradicional americana.

A formação de Jackson Turner, como se verá adiante, possibilitou ao historiador viver, captar e sintetizar em teoria concreta algo que já dominava o imaginário político, social e cultural americano há muito tempo: a influência da expansão para o Oeste. Ao longo de todo o século XIX, o desenvolvimento do imaginário americano foi marcado por esta expansão. O Oeste já estava muito presente no imaginário americano. Estava nos escritos de Thomas Jefferson, no ideal do *Manifest Destiny* (a missão de propagar a democracia americana pelo continente adentro), em figuras folclóricas como Daniel Boone e Buffalo Bill, e na literatura de James Fenimore Cooper. A corrida ao ouro de 1848, a abertura do Erie Canal no centro oeste para navegação a vapor e a construção das ferrovias são aspectos do desenvolvimento econômico e industrial americanos diretamente ligados à expansão para o Oeste.

Portanto, além de propor um novo conceito de Nação e de identidade nacional e um novo método de se fazer história, o ensaio *The Significance of the Frontier in American History* também captou e sintetizou o “espírito dos tempos”. O historiador Charles Beard, contemporâneo de Turner e seguidor dessa nova linha de história, afirma que o ensaio de Turner “was destined to have a more profound influence on thought about American history than any other essay or volume ever written on the subject”.⁹ Richard Hofstadter, especialista na época e na geração de Turner e Beard, escreve que, “... he [Turner] had caught in an essay of less than thirty pages what was to become the characteristic American view of the American Past.”¹⁰

The Significance of the Frontier in American History foi publicado numa coletânea de ensaios de título homônimo. Três outros ensaios dessa coletânea,

⁹ BEARD, C., In: COWLEY e SMITH (Ed) p. 61.

¹⁰ HOFSTADTER, R., Op. Cit., p. 54.

mais outro publicado avulso, complementam o ensaio principal e juntos formam o quinteto que abriu uma nova perspectiva na historiografia americana.¹¹

Turner não foi um escritor prolixo. Além do volume de ensaios, *The Significance of the Frontier in American History*, publicou mais outro volume em vida: *The Rise of the New West*, em 1906. Dois outros volumes, outra coletânea de ensaios, *The Significance of Sections in American History*, e um trabalho extenso, *The United States, 1830 – 1850: The Nation and its Section* – de 1935 – foram publicados após sua morte. Juntas essas publicações formam uma obra de quatro volumes, numa carreira que durou mais de quarenta anos.

O impressionante em Turner não é a quantidade de seu trabalho, mas o enorme impacto causado por uma obra relativamente pequena. Esses escritos formam uma corrente de idéias, um eixo central sobre o qual algumas gerações de pensadores iriam se apoiar e contra o qual outras iriam se rebelar. Existem muitos problemas com a proposta de Turner, mas não deixa de ser uma proposta que incendiou o mundo intelectual americano por quase um século.

¹¹Segundo Hofstadter, os outros ensaios são da coletânea: "The Significance of History" (1891), "The Problem of the West" (1896) e "Contributions of the West to American Democracy" (1903). O ensaio que completa o quinteto é "Problems in American History", publicado avulso em 1892. Hofstadter afirma que com esses cinco ensaios, Turner, ainda na faixa dos trinta anos, "charted out a very large part of the course that American historiography was to run for the next generation." (Ibid. p. 71).

2.2

A formação de um novo tipo de historiador americano

Todos os elementos da mitologia ligada ao Oeste que figuravam no imaginário coletivo americano marcaram a realidade particular de Frederick Jackson Turner, nascido em 1861 na cidade de Porthage, no estado fronteiriço de Wisconsin. Já o histórico familiar de Turner exemplifica a mobilidade do leste para o oeste representada em sua obra: seus pais vieram de Nova Iorque para Wisconsin, seu pai se chamava Andrew Jackson Turner, em homenagem ao Presidente Andrew Jackson, o grande representante político do homem da fronteira (ver próximo capítulo).

Turner cresceu interagindo com índios. Juntos, desciam de jangada os rios vizinhos. Observava os imigrantes escandinavos e irlandeses, selvagens e aventureiros que trabalhavam nas florestas próximas cortando árvore para o comércio de madeira. Presenciou brigas que resultaram em linchamentos. Ouvia estórias de pioneiros que estavam desbravando o *wilderness* bem próximo de sua cidade. O contato com a natureza, a aventura e o exótico foi uma parte intrínseca da formação do historiador. Influenciou de maneira decisiva sua proposta histórica. Turner mesmo descreve, em carta autobiográfica, a influência de suas experiências ao crescer em Porthage:

*I have poled down the Wisconsin [River] in a dugout with Indian guides [...] through virgin forests of balsam firs, seeing deer in the river[...] feeling that I belonged to it all [...]. I have seen a lynched man hanging from a tree when I came home from school [...] have plodded up the 'pinery' road that ran past our house to the pine woods of Northern Wisconsin, have seen Indians come in on their ponies to buy paint and ornaments and sell their furs; have stumbled on their camp in the Baraboo [river], where [...] an Indian family was bathing in the river – the frontier in that sense [...] was real to me, and when I studied history I did not keep my personal experience in a [...] compartment away from my studies.*¹²

Turner estudou história na Universidade de Wisconsin numa época de mudanças na academia americana e internacional, tanto em termos estruturais quanto disciplinares. Era uma época em que o pensamento ocidental passava a ser fortemente dominado pela ciência. A Revolução Industrial e o Progresso técnico-científico, provocando profundas transformações no mundo material, fizeram com

¹² BILLINGTON, R., *Young Fred Turner*, p. 40 et seq.

que a ciência, e o método científico dominassem todas as esferas das atividades humanas. A ciência passou a ser utilizada não só para estudar o mundo material, mas também o comportamento humano. A análise de assuntos humanos, antes delegada à Filosofia, começava a ser realizada em perspectiva multidisciplinar. Surgiam, a partir da segunda metade do século XIX, as Ciências Sociais, entre as quais se destacavam a Economia, a Sociologia e a Antropologia.

Essas novas disciplinas, “científicas” na sua metodologia, são profundamente influenciadas pela *teoria de evolução* de Darwin e a ênfase sobre o impacto do meio ambiente no desenvolvimento dos seres vivos. A linguagem biológica de Darwin – adaptação, hereditariedade, evolução, espécie, organismo – penetra a linguagem das Ciências Sociais. Neste contexto a História, previamente um mero ramo da Literatura, narrada de forma parcial e poética, é incorporada também ao âmbito das ciências sociais, a ela sendo aplicado o método científico na análise dos processos históricos.

Turner ingressa na Universidade de Wisconsin no limiar desta nova era na academia. Trata-se de um momento de grande expansão no ensino público americano, representado de maneira importante pelas universidades públicas. É também um momento de crescente demanda por especialização, com ênfase em estudos de pós-graduação. Nesse espírito, Turner completa seu mestrado sobre o comércio de peles em Wisconsin e segue para o doutorado na Universidade Johns Hopkins, em Baltimore, no estado de Maryland.

É justamente neste reduto de Herbert Baxter Adams, guru da escola teutônica (mencionada acima), que Turner vai consolidar uma nova metodologia e conteúdo no estudo da História. Toda a formação e o imaginário de Turner lhe indicavam que esta interpretação da história era altamente problemática. As idéias de Adams, influenciadas por Freeman e Ranke, sustentavam ser a história feita dos acontecimentos políticos do passado. Turner vai ampliar consideravelmente esta perspectiva simplista, incorporando à sua análise de história disciplinas como economia, geografia, cartografia, antropologia e sociologia.

Neste esforço, contou com preciosas colaborações de colegas e professores ilustres. Entre estes estava Woodrow Wilson, futuro presidente dos Estados Unidos. Wilson concordava com Turner que a influência do Oeste havia sido negligenciada pela historiografia americana. Wilson também apresentou Turner aos trabalhos de Walter Bagehot, principalmente *Physics and Politics*, que

demonstrava como o impacto do meio ambiente alterava de maneira substancial as instituições, rompendo assim com tradições enraizadas. O economista Richard Ely, professor de Turner, o encaminhou para os escritos de Francis Walker, autor que analisou o impacto de terras livres sobre a economia e a história. Walker também estimulou Turner a adotar uma metodologia mais sistemática, utilizando a estatística, algo inovador no âmbito da História. O sociólogo Albion Small motivou Turner a pensar de maneira interdisciplinar, e enfatizava a importância de forças sociais sobre os processos históricos.

De suprema importância para a tese de Turner foram os trabalhos de J.G. Droysen, *Grundriss der Historik*, inspirado em Hegel, e *Analisi della Proprietà Capitalista* de Achille Loria, que estabelecia a ligação entre colonização, expansão e terras livres com o Capitalismo.

Assim, com todo este leque abrangente de idéias tiradas de múltiplas disciplinas, Turner estava armado para revolucionar a historiografia americana na sua própria fortaleza. Como afirma Richard Hofstadter, é uma tese que rompe com a tradição europeia utilizando o melhor do pensamento intelectual europeu. Segundo Hofstadter:

*The Turner thesis, though based on frontier experience and Western loyalties, had its debt not only to Eastern centers of learning but to ideas imported from England, Germany, and Italy. American democracy may have been born on the frontier, but the Turner thesis was nurtured in Siena and Padua, Gottingen, Berlin, and Jena, Oxford and Cambridge, as well as Porthage, Madison [Wisconsin] and Baltimore.*¹³

¹³ HOFSTADTER, Op. Cit., p. 70 et. seq.

2.3

A proposta de Turner: a história como diálogo com a sociedade

Ao apresentar seu ensaio *The Significance of the Frontier in American History* ao Congresso de historiadores americanos em Chicago, Turner estava na verdade visando duas platéias. Havia a platéia imediata dos seus colegas acadêmicos, para a qual apresentava o que, na sua concepção, seria a historiografia do futuro. Esta era uma maneira de se fazer história que incorporava a análise no lugar da simples narrativa. Buscava explicar o desenvolvimento da sociedade americana em termos de suas experiências e características originais, e não de meras ligações com instituições e processos advindos da Europa.

Turner defende a idéia da história total e universal, que incorpora todas as atividades do conhecimento humano, seja nas artes ou nas ciências. Esta é a história que está sempre em fluxo, ligando passado e presente num processo inacabado por estar sujeito a revisões e modificações de acordo com as condições do momento. No seu ensaio, *The Significance of History*, precursor do ensaio principal sobre a Fronteira, Turner ressalta essas idéias e as coloca como um desafio aos seus colegas historiadores:

[...] history is past literature, it is past politics, it is past religion, it is past economics [...]. History is the biography of society in all its departments. History [...] is ever becoming, never completed. The aim of history, then, is to know the elements of the present by understanding what came into the present from the past. For the present is simply the developing past, the past the undeveloped present. [As Droyden says], 'History is the self-consciousness of mankind' [...] in history there is unity and continuity [...] there is no gap between ancient, medieval, and modern history. [...] not only is it true that no country can be understood without taking account of all the past [...] [but] local history can only be understood in the light of the history of the world. There is unity as well as continuity [...].¹⁴

No Congresso de Chicago havia para Turner uma platéia mais abrangente do que a composta pela presença física de seus colegas historiadores. Turner estava falando ao povo americano. A idéia da ligação entre o acadêmico e a sociedade é outro componente-chave de sua proposta inovadora. Turner não só visava uma nova maneira de se fazer história, mas uma nova função para a história e o historiador: o diálogo com a sociedade. Turner era contra a idéia do *ivory tower historian*, o intelectual da “torre de marfim” que se isolava do público ao se fechar no ambiente acadêmico, escrevendo apenas para a platéia dos seus colegas imediatos. Para o historiador de Wisconsin, o exercício da história implicava numa

¹⁴ TURNER, F. J., "The Significance of History", In: FARAGHER (Org), Op. Cit., p. 18 et. seq.

função moral: inculcar um sentido de cidadania no povo. Assim, Turner visava a união entre história e política, sendo o elo entre essas duas esferas constituído pelas instituições públicas, principalmente o ensino público.

Como professor de uma universidade pública (a Universidade de Wisconsin e outras *community colleges*), Turner defendia a ideia da utilidade prática do ensino da História. No ensaio *The Significance of History*, o historiador afirma: “...perhaps [History’s] most practical utility to us, as public school teachers, is its service in fostering good citizenship”¹⁵. O método pelo qual a história se tornaria prática seria o da popularização do conhecimento científico e da democratização do ensino. No mesmo ensaio, Turner coloca as seguintes questões:

*The popularizing of scientific knowledge is one of the best achievements of this age of book-making. It is typical of that social impulse which has led university men to bring the fruits of their study home to the people. Our own state university [University of Wisconsin] carries on extensive work along these lines. I believe that this movement [towards] popularizing historical and scientific knowledge will work a real revolution in our towns and villages as well as in our great cities [...]. [The schoolteacher] is called upon to be the apostle of higher culture in the community in which he is placed. Historical study has for its end to let the community see itself in the light of the past, to give it new thoughts and feelings, new aspirations and energies [...]. This is therefore one of the ways to create good politics [...].*¹⁶

Nessas últimas frases está o ímpeto criativo por trás do ensaio principal *The Significance of the Frontier in American History*. O historiador não só irá re-interpretar o passado à luz do presente, mas se colocará como interlocutor de uma comunidade com suas experiências coletivas. Assim, o historiador estabelece uma ponte entre passado, presente e futuro, tirando do passado experiências que possam servir de exemplos morais, guias para uma conduta social efetiva.

¹⁵ Ibid. p. 23.

¹⁶ Ibid. p. 29.

2.4 A conquista da Fronteira como mito

Esta nova função do historiador, ambiciosa e de grande responsabilidade, requer uma linguagem diferente da puramente acadêmica. O diálogo com os colegas acadêmicos é o da complexidade, envolvendo todas as ferramentas científicas e intelectuais exigidas na construção dessa nova historiografia. O diálogo com a sociedade, no entanto, é o da simplicidade. Se Turner constrói sua tese de maneira complexa, cientificamente, ele a executa de maneira simples, utilizando a Mitologia da Fronteira¹⁷. O historiador americano Warren Sussman afirma que:

*Many defenders of [...] Jackson Turner and many critics have tried to sum up his greatness [...]. But the genius of Turner was essentially a simple and yet a vital one culturally. He took a major American myth and made from it effective history. He took a utopian set of values and beliefs and made them effective for his own times [...]. His was an effort in analysis [...]. What more, since he could reveal why America had developed as it had... his analysis might provide [...] some clues as to what must be done to preserve that order.*¹⁸

A utilização do mito da Fronteira como princípio unificador e orientador da sociedade americana tem inspiração direta na escola romântica e serve a um propósito muito específico no momento histórico em que Turner escreve, a última década do século XIX. É um momento em que a América se encontra no limiar de uma nova era na história: a “velha América” descentralizada das pequenas aldeias, da vida pastoral, da indústria leve e da produção caseira começa a ceder espaço e, conseqüentemente, a ser ameaçada por uma nova ordem social e econômica. É o advento das grandes concentrações industriais e do surgimento dos poderosos “barões” do aço, das ferrovias e do petróleo como Carnegie, Vanderbilt e Rockefeller. É também a época em que se desenvolvem os grandes centros urbanos que recebem milhões de imigrantes judeus, italianos, irlandeses e eslavos que servirão de mão-de-obra para as novas indústrias gigantes.

¹⁷ SLOTKIN, R., *Regeneration through Violence: the Mythology of the American Frontier, 1600-1860* p. 6 et seq. Por mito entende-se um princípio unificador de uma sociedade que reduz toda uma gama de experiências históricas e coletivas a uma visão simplificada do passado e do exemplo moral que pode ser tirado deste passado para guiar uma comunidade no presente e no futuro. O mito utiliza uma narrativa dramática que emprega a linguagem metafórica para explicar uma visão de mundo e de história. Slotkin que por sua vez trabalha com conceitos de mito tirados de Joseph Campbell, James G. Frazer, Carl Jung, Claude Lévi-Strauss, entre outros.

¹⁸ SUSSMAN, W., *Culture as History*. p. 30.

Este momento de grande transformação e fluidez na sociedade americana gera também muita tensão social e medo. Nesta intercessão da história, o ensaio de Turner utiliza o mito da Fronteira como um elo entre passado e futuro. A experiência da conquista da fronteira, que há muito tempo já era sentida tanto no cotidiano quanto na imaginação dos americanos, transforma-se numa explicação concreta para todo o desenvolvimento de uma Nação. Desta explicação histórica surgirão os exemplos para enfrentar o futuro, preservando os valores sociais e morais advindos da experiência da Fronteira. Deste modo, Turner se vale da antiga tradição grega da história, em que o passado é narrado de forma épica e onde a busca do exemplo moral histórico – a história como “mestra da vida” – é a própria motivação do ato de contar o passado.

Aí está o principal elemento de continuidade com a historiografia de tradição romântica. A história se transforma num novo épico cujo herói é o *frontierman*, um homem comum que enfrenta a natureza selvagem e se transforma no protótipo do homem americano. As múltiplas dimensões da mitologia da Fronteira – e a maneira como Turner estabelece as conexões e os exemplos para o futuro da Nação americana – são os temas do próximo capítulo.